



Jovens, consumo e sexualidade: diálogos entre Maria Rita Kehl e Pier Paolo Pasolini

Young people, consumption and sexuality: dialogues between Maria Rita Kehl and Pier Paolo Pasolini

Sabrina Dal Ongaro Savegnago

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Neste artigo, pretende-se apresentar uma discussão sobre a relação entre consumo e subjetividade juvenil, a partir das reflexões teóricas de Maria Rita Kehl e Pier Paolo Pasolini. Estes autores falam a partir de realidades e momentos diferentes, no entanto é possível observar várias aproximações em seu pensamento, principalmente no que se refere à tentativa de desnaturalizar determinados saberes e questionar as formas como a sociedade se produz e reproduz, problematizando questões importantes que dizem respeito principalmente aos jovens. Dentre elas, destaca-se a obrigatoriedade, sobretudo em relação às questões que envolvem a sexualidade, imposta ao sujeito pela sociedade de consumo, que se apresentaria disfarçada de liberdade. Tal argumento será analisado ao longo do artigo, a partir das contribuições teóricas de Kehl e Pasolini.

Palavras-chave: **Jovem; Subjetividade; Consumo; Sexualidade**

Abstract

In this paper, we'll present a discussion about the relationship between consumption and youth subjectivity, based on the theoretical reflections of Maria Rita Kehl and Pier Paolo Pasolini. These authors speak from different realities and moments, however it is possible to observe several similarities in their thinking, especially in the attempt to denaturalize certain knowledge, and question the ways in which society produces and reproduces itself, problematizing important issues related to young people. Among them, it is necessary to emphasize the obligatoriness imposed to the subject by the consumer society that would be disguised of freedom, especially in questions that involve the sexuality. This argument will be analyzed throughout this paper, based on the theoretical contributions of Kehl and Pasolini.

Keywords: **Young; Subjectivity; Consumption; Sexuality**

Introdução

No presente artigo, busca-se realizar uma interlocução entre algumas reflexões do cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini e da psicanalista brasileira Maria Rita Kehl. Pa-

solini nasceu em 1922 na Bologna. Foi um polêmico cineasta, poeta, semiólogo, linguista e escritor. A maior parte de sua obra ficcional e teórica foi produzida entre os anos 1950 e 1970, e sua morte ocorreu em 1975. Presenci-

ou a ascensão e a queda de Mussolini, a Segunda Guerra Mundial e a euforia perante o capitalismo. Pasolini observava o mundo de uma forma muito peculiar e acreditava que os objetos nos ensinam e nos falam diretamente, apontando para questões importantes da cultura. Ao longo de sua produção literária e cinematográfica construiu um pensamento crítico radical. Neste trabalho, serão referidos alguns de seus ensaios jornalísticos, com destaque para os chamados Escritos Corsários.

Maria Rita Kehl é doutora em Psicanálise e atua como psicanalista desde 1981. Além disso, é jornalista, ensaísta, poetisa, cronista e crítica literária. Vivenciou o período da ditadura militar brasileira e integrou a Comissão Nacional da Verdade (2012-2014), que teve por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas durante a ditadura militar no Brasil. Nos últimos anos, vem publicando vários ensaios nos quais aborda questões sobre consumo, jovens, cultura, sexualidade, dentre outras. Kehl, com sua vasta experiência em clínica, consegue abordar de forma clara e crítica questões cruciais da sociedade contemporânea brasileira, fundamentada no aporte teórico da psicanálise lacaniana e freudiana.

As discussões neste trabalho incidirão inicialmente sobre como o consumo pode afetar as sociedades e, particularmente, a subjetividade dos jovens que nelas estão inseridos. Neste sentido, Pasolini traz contribuições importantes quando se refere a um “genocídio cultural”, observado não só na sociedade italiana, mas também em outros países, fenômeno que afetou principalmente os jovens camponeses e subproletários. Por sua vez, Kehl articula juventude e consumo, dando destaque à intensa idealização do “ser jovem”, ocorrida a partir dos anos 70, que se relaciona com os interesses do mercado de consumo. A autora fala de uma *teenagização* da cultura ocidental e indica alguns possíveis efeitos subjetivos deste fenômeno para os jovens e nas relações destes com os adultos.

Tanto Kehl quanto Pasolini apontam para uma obrigatoriedade imposta ao sujeito pela sociedade de consumo, disfarçada de liberdade, principalmente em relação às questões que envolvem a sexualidade. Pasolini fala de uma *falsa-tolerância* em relação à sexualidade, que é artificial, que não é construída ou conquistada, e se constitui como uma obrigação

para o sujeito, sob a pena de sentir-se diferente caso não a cumpra. Maria Rita Kehl (2004; 2008) destaca o *imperativo do gozo*, ou a *lei do mais-gozar*, que rege o laço social nas atuais sociedades de consumo. Neste sentido, para a autora, os corpos pós-modernos têm que dar provas contínuas de que estão vivos, saudáveis e gozantes, o que implica que hoje não teríamos apenas a liberdade, mas a obrigação de nos permitir todos os prazeres sexuais (Kehl, 2008). Assim, pretende-se, num segundo momento, realizar aproximações entre o conceito de *falsa tolerância*, referido por Pasolini, e a questão do *imperativo do gozo*, abordada por Kehl. As contribuições de Kehl e Pasolini serão o foco principal deste texto, no sentido de discutir e problematizar os eixos de análise referidos, mas algumas reflexões de outros pesquisadores brasileiros do campo da juventude - de áreas como Psicologia, Educação e Ciências Sociais - também serão incorporadas às discussões que seguem.

Os jovens e o consumo

A juventude se constitui em uma categoria com marcos variáveis de acordo com cada sociedade, uma vez que os jovens diferem em seus espaços e tempos e em seus modos de ser no mundo (Raitz & Petters, 2008). Neste sentido, as representações sobre a juventude, o lugar ocupado pelos jovens na sociedade e o tratamento que a sociedade lhes confere ganham contornos específicos em contextos históricos, sociais e culturais diferentes (Dayrell, 2005). Assim, considerando a juventude um conceito que não pode ser abordado de forma universal, a noção de *juventudes*, no plural, é utilizada por vários autores para ressaltar a diversidade de modos de ser jovem existentes (Dayrell, 2005; Raitz & Petters, 2008; Takeuti, 2012; Zucchetti & Bergamaschi, 2007).

Neste sentido, é importante destacar que, ao longo do presente trabalho, serão referidos jovens de diferentes momentos históricos e contextos socioeconômicos. Os jovens referidos por Pasolini são distintos dos jovens dos quais Kehl fala, o que não impede que algumas aproximações entre as reflexões de ambos os autores possam ser possíveis. Em seus escritos, Kehl refere-se a jovens de classe média, principalmente a partir de suas experiências com esse público na clínica psicanalítica, mas também aborda questões relacionadas a jovens pobres de periferias urbanas bra-

sileiras. Ao longo de sua produção, Pasolini não fala dos “jovens” em geral, mas refere-se a categorias sociais específicas: jovens trabalhadores, jovens estudantes burgueses, jovens capitalistas, jovens camponeses, jovens subproletários, jovens do Norte, jovens do Sul da Itália, dentre outros. Pasolini demonstra uma alternância de sentimentos em relação a estes grupos de jovens “antropologicamente” distintos e determinados - principalmente referente aos jovens camponeses e subproletários - que se relaciona com suas próprias vivências e com as mudanças sociais, políticas e culturais da realidade (Lahud, 1993), aspecto que será destacado a seguir.

Genocídio cultural

No escrito *Gennarielo* (1975/1990b), Pasolini diz assumir uma postura crítica em relação às “coisas modernas”, compreendidas como signos linguísticos. Ele aponta o perigo de se aceitar as coisas modernas como naturais e acolher o seu ensinamento como absoluto. Assim, ao mesmo tempo em que destaca a importância da linguagem das coisas, entende que esta leitura dos signos dos objetos deve ocorrer no sentido da compreensão de uma realidade, buscando evitar sua simples naturalização. É desta forma desnaturalizada e atenta para a linguagem das coisas que Pasolini lança seu olhar sobre a Itália, em especial, sobre os jovens italianos.

Pasolini nos fala a partir do contexto italiano da segunda metade do século XX, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e, assim, fim do fascismo de Mussolini e abertura para o capitalismo de consumo. Até então, perante outras sociedades capitalistas, a Itália possuía uma forte especificidade por sua grande quantidade de “culturas particulares”, ou “pequenas pátrias”, e sua variedade de dialetos. Pasolini aponta que o avanço tecnológico e, conseqüentemente, o avanço da indústria dos bens de consumo provocou um processo de aculturação e de homogeneização na Itália. Desse modo, o aniquilamento da tradição cultural dos povos através a unificação da língua italiana, que desvalorizou as falas dialetais, é apontado por Pasolini como um dos efeitos do alargamento progressivo do universo do consumo na Itália pós-Guerra (Lahud, 1990).

Neste sentido, Pasolini destaca em seus escritos das décadas de 60 e 70 do século XX que a

sociedade italiana vinha tomando um rumo lamentável e irreversível. Ao invés de desenvolver-se uma diversidade cultural, linguística e comportamental, ocorria uma padronização da população e um empobrecimento cultural que tornava os italianos medíocres e obsessivos na busca por igualarem-se a padrões que não correspondiam aos de sua tradição. Estes novos padrões surgiam a partir da consolidação dos valores da cultura do dinheiro e do consumo e vinham sendo difundidos principalmente pelos meios de comunicação de massa (Nazario, 2007).

No início de sua obra, Pasolini declarava seu amor àqueles jovens pertencentes a grupos populares, que, apesar das condições de pobreza, pareciam ser felizes com o mundo que os cercava e eram dotados de valores culturais próprios. No entanto, o consumismo teria rompido com este “equilíbrio” ao aniquilar os modelos particulares de vida e tentar substituí-los por outros modelos, que a maioria dos jovens não conseguia corresponder (Lahud, 1990).

Assim, observa-se uma espécie de “cessamento de amor” de Pasolini em relação aos jovens italianos camponeses e subproletários, os quais teriam sido cooptados pela lógica do consumo do capitalismo. No ensaio *O genocídio* (1974/2006), Pasolini fala com pessimismo sobre a realidade do jovem italiano com a qual se depara. Ele observa que os jovens à sua volta estavam perdendo os antigos valores populares e apropriando-se dos novos modelos impostos pelo capitalismo, correndo o risco de tornarem-se passivos e perderem suas capacidades críticas. Neste sentido, ele afirma que os jovens começam a ter vergonha do que eles eram, passam a negar e anular sua própria história e as suas origens. Os jovens não querem mais reconhecer-se em sua própria identidade, rompendo com a própria história para adequarem-se ao modelo vigente, o que ele chama de *genocídio cultural*.

Pasolini fala de um genocídio que não se fez mediante a violência explícita, um genocídio “sem algozes nem fuzilamentos em massa” (1974/2006, p. 99). Trata-se de uma substituição de valores que estaria ocorrendo de forma disfarçada, através de uma espécie de persuasão oculta. Ou seja, ocorre de modo sutil, hábil e complexo, num processo muito mais tecnicamente profundo e maduro. Relaciona-se a uma assimilação por grandes ca-

madras da população ao modo e à qualidade de vida da burguesia.

Em 1964, Pasolini produziu o curta-metragem *Os muros de Sana*, no qual fez um registro da cidade medieval Sana, capital do lêmén, mostrando a arquitetura, os muros e a cidade antiga de Sana e destacando que estas ruínas vinham sendo ameaçadas de desintegração. Através do documentário, Pasolini faz um apelo à UNESCO para ajudar Sana a salvar-se da destruição e a manter consciência de sua identidade, beleza e valor. Pasolini narra ao longo do documentário que Sana é uma grande cidade medieval, que permanecia conservada ao longo dos séculos. Ele destaca sua beleza e afirma que se trata de um lugar único, que não havia sofrido até então qualquer contaminação por uma realidade diferente, tampouco do mundo moderno, profundamente diferente dela. No entanto, diz que a classe dirigente do lêmén tem vergonha da cidade por ela ser pobre e suja e que eles decidiram tacitamente destruí-la. Pasolini acredita que “a destruição do velho mundo” ocorre não só em Sana, mas em todo lugar, sendo agenciada pela especulação imobiliária neocapitalista (Pasolini, 1964/2014). Ele destaca também, não só verbalmente, mas através das imagens (ou linguagem das coisas), que os primeiros bens de consumo da indústria cultural começavam a invadir o lêmén e que no país havia um forte apelo à modernidade e ao progresso, assim como acontecia no Ocidente, mas que este apelo provinha de fora e não teria surgido ali. Assim, Pasolini parecia expressar seu temor de que Sana, assim como outros tantos povos e cidades, também sofresse um genocídio cultural.

O “genocídio cultural” do qual fala Pasolini implica que o poder da classe dominante imponha discretamente um determinado modelo de vida, ao qual principalmente os jovens habitam-se de forma rápida. Há uma perda do antigo modelo de vida, em favor da tentativa de assimilar esse novo modelo que se coloca. Um dos componentes desse novo modelo destacado por Pasolini é a falsa tolerância ou permissividade, a qual será abordada posteriormente (Pasolini, 1974/2006).

A idealização do ‘ser jovem’

Em relação ao contexto brasileiro, retratado por Kehl, mas que pôde se verificar na maioria dos países capitalistas ocidentais, na vira-

da da década de 70 para a de 80 do século XX, ser jovem tornou-se um slogan, um clichê publicitário, no sentido de tornar-se uma condição almejada para se fazer parte de uma elite atualizada e bem-sucedida. Observa-se a emergência de significações sociais que consideram o *ser jovem* como referência principal para todas as faixas etárias, localizado no patamar de excelência em relação à beleza, inteligência, liberdade e sensualidade (Takeuti, 2012). De acordo com esta visão, a juventude se reduz a um período de liberdade, prazer e expressão de comportamentos exóticos (Dayrell & Carrano, 2002). Além disso, em algumas sociedades, o jovem foi e tem sido considerado um modelo privilegiado de capacidade e de força, representando e promovendo, principalmente nas sociedades modernas, as ideias de desenvolvimento e progresso (Zucchetti & Bergamaschi, 2007).

Desse modo, como consequência dessas imagens, alguns autores vêm observando a manifestação de um desejo e uma ansiedade, que se estende para além das idades consideradas juvenis, de se permanecer jovem o máximo de tempo possível e uma tendência de prolongamento dessa fase (Augusto, 2007; Debert, 2010; Enne, 2010; Kehl, 2004; 2008). Trata-se de um fenômeno recente, pois ao considerarmos a juventude no Brasil por volta de meados do século XIX e início do século XX, destaca-se uma grande demanda por um envelhecimento precoce (Debert, 2010). A partir da modernidade, os valores associados ao estilo de vida jovem passaram a ser consumidos como meta e desejo por diversos atores sociais, incluindo adultos e idosos, para quem o discurso midiático tende a estimular e cobrar uma eterna juventude, oferecendo instrumentos da cultura do consumo para que este objetivo seja atingido (Debert, 2010; Enne, 2010; Kehl, 2004; 2008).

Maria Rita Kehl afirma que hoje ocorre a passagem de uma juventude prolongada direto para a velhice, ficando vazio o espaço que deveria ser preenchido pelo adulto, fenômeno que ela denomina *teenagização* da cultura ocidental (Kehl, 2004; 2008). De forma semelhante, Marcelo Ricardo Pereira e Rose Gurski (2014) falam da existência de “adultos adulescentizados”, os quais não conseguem reconhecer sua experiência como passível de transmissão, desvalorizando o passado em nome de uma juventude eterna.

Esse fenômeno acaba provocando um esvaziamento da experiência e da memória, o que pode gerar um desamparo nos jovens pela falta de referências a partir das quais o novo poderia ser construído. Para Kehl, a desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida, uma vez que, assim como a memória, a experiência produz consistência subjetiva, no sentido de que “eu sou o que vivi”. Assim, ao se descartar passado, em nome de uma eterna juventude, pode produzir-se para o sujeito um vazio difícil de suportar (Kehl, 2008, p. 12).

No entanto, esta idealização do “ser jovem” é paradoxal quando observamos que, por outro lado, a realidade concreta e objetiva que se apresenta à maioria dos jovens brasileiros é marcada por limitações que restringem o campo de possibilidades de realização na vida profissional e social (Takeuti, 2012). Assim, a mesma cultura que enaltece a juventude e celebra o estilo de vida juvenil é excludente em relação a muitos jovens. Tendo em vista este aspecto, talvez poderíamos pensar que o que é enaltificado e valorizado pela sociedade contemporânea não é a juventude, mas o juvenil, ou seja, o que a juventude representa para a sociedade em termos de estilo de vida e possibilidade de consumo.

Para Kehl (2008), a visibilidade e o lugar de ideal que os jovens começaram a ocupar relaciona-se principalmente ao fato de que os mesmos passaram a ser vistos como um forte grupo de consumidores em potencial. Sobre tudo neste momento em que se tornaram livres de freios morais e religiosos reguladores da relação dos corpos com os prazeres e desconectados de quaisquer discursos tradicionais que pudessem apresentar critérios em relação ao valor e à consistência existencial da grande quantidade de produtos de consumo, que se tornaram repentinamente “fundamentais para a felicidade”.

No entanto, nem todos os jovens são capazes de consumir os produtos que lhes são oferecidos. Observa-se a que sociedade de consumo cria as necessidades, mas não as oportunidades, o que gera frustração naqueles que ficam excluídos das possibilidades de consumo. Em relação a esta questão, Kehl (2004) destaca que a cultura da sensualidade juvenil, da busca de prazeres e novas sensações, do desfrute do corpo, e da liberdade, difundida pela publicidade e pela TV, inclui todos os jovens.

Assim, mesmo aqueles que não têm condições de consumir identificam-se com a cultura de consumo pela via das imagens. Por outro lado, com relação à exclusão da maioria dos jovens das possibilidades de consumo, podemos pensar na violência que muitas vezes resulta deste descompasso entre os modelos culturais impostos pela sociedade de consumo e a impossibilidade material de acesso ao que é oferecido (Lahud, 1990), questão apontada por Pasolini, e observada também atualmente na realidade brasileira. Consideramos aqui a função simbólica do consumo, o seu papel no sentido de identificar, distinguir, dar prestígio, agregar valor e conferir certa visibilidade aos que portam determinados bens. Assim, o consumo pode representar para os jovens, sobretudo para aqueles que são invisibilizados por suas condições sociais, a busca por pertencimento, reconhecimento e visibilidade. Esta busca pelo acesso aos objetos de consumo pode acabar ocorrendo, por vezes, pela via da violência, da transgressão e do envolvimento com o tráfico (Soares, 2004).

O fascismo do consumo

No que se refere ao enfraquecimento da regulação dos corpos e da repressão, mencionado por Kehl (2008), Pasolini, sobretudo em alguns de seus Escritos Corsários, faz uma forte crítica à sociedade italiana da época (década de 70 do século XX), a qual considera não sendo mais clerical-fascista e repressiva, mas consumista e permissiva, marcada pelo poder do novo fascismo (Pasolini, 1975/2006a). Luiz Nazario (2007) salienta a importância de compreendermos os conceitos de *clérico-fascismo* e de *novo fascismo*, os quais são fundamentais na obra de Pasolini. O clérico-fascismo referia-se à velha aliança do Estado capitalista com a Igreja, que produzia um totalitarismo agrário, artesanal e conservador. Esse fascismo seria mais “superficial”, pois conservaria intactas as tradições do povo. O regime de Mussolini é um exemplo de clérico-fascismo. Por outro lado, o novo fascismo corresponderia à aliança entre a Empresa totalitária e o Estado, a partir da qual emerge um totalitarismo tecnológico, industrial e progressista, aparecendo sob a roupagem da democracia, após o triunfo do nazi-fascismo (Nazario, 2007). Na concepção de Pasolini, a sociedade de consumo se constituía em um verdadeiro fascismo, e, diferentemente do “fascismo fascista”, que recorria ao terror fí-

sico para impor seus modelos, o fascismo do consumo afetaria a intimidade e a consciência dos sujeitos (Lahud, 1990). Assim, ele ousava afirmar que, diante desta nova forma de fascismo, o clérico-fascismo seria um mal menor, pois o primeiro atingiria as mentalidades dos indivíduos, que se tornariam obsessivos em relação ao consumo e à produção, obedecendo a uma ordem não enunciada (Nazario, 2007). Assim, “enquanto a sociedades repressivas precisavam de soldados, a sociedade permissiva só precisa de consumidores” (Pasolini, 1975/2006a, p. 91). Desse modo, o consumo é entendido por Pasolini como uma nova forma de totalitarismo, que exerce alienação e degradação antropológica sobre o indivíduo. A permissividade do consumo é considerada falsa e tacitamente portadora da pior repressão jamais praticada pelo poder sobre o povo (Pasolini, 1975/2006a).

O conformismo e a obrigatoriedade do consumo, disfarçados de liberdade, também são abordados no texto *O “discurso” dos cabelos* (1973/2006), onde nos deparamos com o Pasolini semiólogo, que faz uma análise crítica da imagem dos “jovens cabeludos” que observa na Itália. Neste caso, Pasolini afirma que não há necessidade de linguagem verbal, pois os cabelos falam por si. Nos anos 66-67, os “cabeludos” italianos queriam exprimir que protestavam de modo radical contra a civilização consumista. Já em 68, os cabeludos foram absorvidos pelo Movimento Estudantil e sua linguagem exprimia cada vez mais “coisas” de esquerda. No entanto, com o passar do tempo, a linguagem dos cabelos compridos já não expressava “coisas de esquerda”, mas, muito pelo contrário, aludia a “coisas” de Direita, chegando ao ponto de os cabelos compridos serem usados por jovens burgueses como signo de sua “modernidade internacional de privilegiados”, tornando-se uma espécie de modismo incorporado pela “extrema direita”. Em relação ao momento histórico em que escreve este texto, 1973, Pasolini acredita que o fato de os jovens usarem o cabelo como bem entendem deixou de ser liberdade; pelo contrário, é algo que denota um conformismo à “ordem degradante da horda”, ou seja, o cabelo comprido tornou-se mais um objeto de consumo.

Consumo e sexualidade: a (falsa) tolerância e o imperativo do gozo

Tendo em vista a transformação de uma sociedade repressiva para uma sociedade permissiva e (falsamente) tolerante, destaca-se a importância de observarmos de que forma esta mudança toca nas questões que envolvem a sexualidade. Pasolini (1974/2006) afirma que “a certa altura, o poder teve necessidade de um tipo diferente de súdito, que fosse em primeiro lugar consumidor, e não seria um consumidor perfeito se não lhe fosse concedida uma certa permissividade no campo sexual” (p. 101).

Neste sentido, Kehl observa que, nos últimos anos, houve uma passagem de uma economia psíquica voltada para o adiamento do prazer para outra, a do *imperativo do gozo*¹ (Kehl, 2008). Segundo a psicanalista, na sociedade contemporânea existe um apelo, principalmente através da publicidade, para que o jovem responda ao imperativo do gozo que é colocado sobre ele. O gozo é o que convoca o sujeito a ir sempre além dos limites do prazer. Ele está relacionado à pulsão de morte e, desse modo, constitui-se em uma ameaça tanto à vida física quanto psíquica do sujeito. Assim, a fantasia de um mundo governado pelo gozo é, simultaneamente, sedutora e amedrontadora. Para o sujeito, pode representar um paraíso sem limites. Mas, a partir da perspectiva do laço social, este imperativo aponta para um cenário de “luta de todos contra todos, uma sociedade de cada um por si, sem Lei e sem juiz” (Kehl, 2004, p. 99), que pode causar temor ao jovem.

¹ Kehl se apoia em Freud e, principalmente, Lacan para falar sobre o imperativo do gozo. Ela afirma que há uma crise ética em curso na sociedade ocidental atual, que tem como um dos aspectos essenciais uma crise referente ao reconhecimento da lei. Tal lei impõe uma renúncia ao excesso de gozo, presente em todas as sociedades na forma de interdição ao incesto, e se constitui em uma lei universal que funda nossa própria condição de seres da cultura. Esta lei enquanto imperativo de renúncia ao gozo vem perdendo sustentação na cultura, uma vez que nenhuma lógica se sobrepõe à lógica do capital, que hoje depende de um mercado movido por um apelo não à renúncia, mas ao próprio gozo. Assim, Kehl dirige suas críticas à atual sociedade do consumo que, regida pelo imperativo do gozo, não se pauta mais na renúncia e na submissão dos indivíduos às normas sociais, mas na transgressão ininterrupta das normas, em nome do gozo individual, no consumo incessante de mercadorias e no hedonismo generalizado (Kehl, 2002). Para maiores esclarecimentos sobre esta questão, sugere-se a consulta da obra: Sobre ética e psicanálise (Kehl, 2002).

De acordo com Kehl (2008), o discurso libertário em relação à sexualidade, nas décadas de 60 e 70 do século XX, foi ligeiramente apropriado pelo mercado publicitário. Neste sentido, os filhos das gerações rebeldes dos anos 70 herdaram, além dos direitos e liberdades conquistados pelos seus pais, a obrigatoriedade de desfrutar a vida e o dever da felicidade e da liberdade. A autora não nega os benefícios que a liberação sexual trouxe aos jovens. O advento da pílula anticoncepcional é um exemplo disso. No entanto, Kehl nota certa ingenuidade nas convicções sobre o caráter revolucionário da onda de liberação sexual, uma vez que esta se tornou mais uma mercadoria, que acabou agregando valor à economia capitalista globalizada (Kehl, 2005). Sobre essa apropriação das reivindicações da revolução sexual pelo mercado de consumo, a psicanalista destaca que “nós não podíamos saber que nossa revolução sexual prefigurava a ideologia que prevaleceu a seguir, da cultura do narcisismo, do individualismo, do gozo vendido a preço de banana pela indústria do entretenimento” (Kehl, 2005, p. 37). Neste sentido, para Kehl, a própria resistência foi transformada pelo mercado em mais uma mercadoria.

Para Pasolini, o *eros* tornou-se ao mesmo tempo fonte e objeto de consumo e relaciona-se com essa permissividade concedida (Pasolini, 1973/1990). Dessa forma, a cultura pop/publicitária passou a associar as imagens do gozo sexual a todas as mercadorias, como valor agregado que incita ao seu consumo. Assim, “os impulsos sexuais recém liberados forneceram a base imaginária dos desejos que movem, hoje, a sociedade de consumo” (Kehl, 2008, p. 22).

Do mesmo modo, Pasolini afirma que as lutas progressistas pela democratização do ‘direito à expressão’ e pela liberalização sexual foram brutalmente superadas pela decisão do poder do consumo de oferecer uma ampla, porém falsa, tolerância (Pasolini, 1975/1990a). Além dos escritos, Pasolini tentou, a partir de suas produções cinematográficas, expressar as lutas pela democratização do ‘direito à expressão’ e pela liberalização sexual (1975/1990a). Esta questão teve maior destaque em sua *Trilogia da Vida* (1970-1974), composta pelos filmes: *O Decamerão* (1970, em Nazario, 2007), *Os Contos de Canterbury* (1971, em Nazario, 2007) e *As mil e uma noites* (1973,

em Nazario, 2007). Inspirados em escritos medievais, os filmes exaltavam a liberdade sexual do mundo pagão e camponês anterior à revolução industrial, em oposição ao obscurantismo da repressão cristã e da civilização industrial (Nazario, 2007).

No entanto, ocorreu que também Pasolini foi de certa forma ‘vítima’ da apropriação de suas produções pela sociedade de consumo. A *Trilogia* acabou sendo acolhida pela cultura oficial, fazendo muito sucesso e Pasolini foi acusado pelos descontentes de ter se vendido ao sistema. A partir do grande sucesso da trilogia, sucederam-se vários filmes pornográficos e eróticos, os quais, juntamente com os filmes *Trilogia* tornaram-se objetos de consumo da sociedade italiana (Nazario, 2007). Diante disso, Pasolini manifestou sua abjuração à *Trilogia da Vida*, a qual acabou sendo apropriada justamente pelo que ele mais repudiava - o consumo -, e servindo a interesses que não condiziam com seus propósitos e que se contrapunham às suas principais ideias. No escrito *Thetis* ele afirma arrependê-lo da influência liberalizadora que suas produções cinematográficas possam talvez ter exercido sobre os costumes sexuais da sociedade italiana e concorda que elas podem ter contribuído, na prática, para uma *falsa* liberalização (Pasolini, 1973/1990).

De acordo com Pasolini, a liberdade sexual foi, na realidade, uma concessão, e não uma conquista dos jovens. Essa concessão de liberdade rapidamente transformou-se em obrigação. No entanto, a obrigação de desfrutar ao máximo desta liberdade concedida, para não ser considerado incapaz ou diferente, pode ser para o sujeito a mais difícil das obrigações (Pasolini, 1973/1990).

Dentro desta linha de pensamento, em relação a temas que tocam a questão da sexualidade, destaca-se o escrito pasoliniano *O coito, o aborto, a falsa tolerância do poder e o conformismo dos progressistas*, que suscitou e até hoje suscita muitas polêmicas. Pasolini surpreendeu a muitos e provocou a indignação de feministas com a afirmação de que a legalização do aborto corresponderia, para ele, à legalização do homicídio (Pasolini, 1975/2006b) e teve a ousadia de romper com o consenso favorável em relação ao aborto, argumentando que esta prática serviria como última medida tomada para exterminar as minorias sexuais. Ele defendia que esta ques-

tão deveria ser analisada na fase anterior ao aborto, ou seja, o coito heterossexual deveria ser problematizado (Nazario, 2007). Na concepção de Pasolini, a legalização do aborto reforçaria, sobretudo, a comodidade do coito heterossexual, para o qual deixaria de haver obstáculos (Pasolini, 1975/2006b; 1983).

O consumo frenético, obsessivo, do coito 'institucional' reconduz à obrigação moral de consumir os produtos do capital. Ele é um signo de alívio, uma convenção, uma prova da submissão a certas normas hegemônicas. A liberdade que anunciam as medidas de liberalização sexual em matéria de aborto é pura e simplesmente a liberdade de praticar preguiçosamente suas obsessões, suas neuroses de massa. (Pasolini, 1983, p. 176)

Esta permissividade em relação ao aborto estaria atrelada ao "novo fascismo" e protegeria exclusivamente o casal heterossexual, enquanto tudo o que é visto como sexualmente 'diferente', não se encaixando neste padrão, é ignorado e rejeitado. Dessa forma, os 'diferentes' são vistos e tratados com a mesma crueldade do período clerical-fascista (Pasolini, 1975/2006a; 1975/2006b). Assim, desde este ponto de vista, a prática homossexual torna-se o mal absoluto da permissividade que dirige as relações heterossexuais (Pasolini, 1983).

Esse "novo fascismo" estende sua falsa tolerância principalmente às minorias sexuais, o que foi observado por Pasolini na rejeição, no ódio e na violência dirigida aos considerados diferentes (Pasolini, 1975/2006b). Ao considerarmos a sociedade brasileira atual, podemos afirmar que esta realidade ainda se faz presente. Parece haver uma presença forte da questão da sexualidade em vários contextos, que não encontra muitos limites à exposição. No entanto, quando se trata da sexualidade que foge do modelo do casal heterossexual, a intolerância ainda se manifesta com muita força.

Diante do exposto até o momento, podemos nos questionar: como a falsa tolerância apontada por Pasolini e o imperativo do gozo, nos dizeres de Kehl, reverberam na vida do jovem? Pasolini observa que os jovens da "Itália atrasada" tentaram adaptar-se de maneira desajeitada, desesperada e neurotizante a esse modelo permissivo no campo sexual (Pasolini, 1974/2006). Para ele, engana-se quem acredita que a sociedade italiana mudou, tornando-se mais democrática, tolerante e moderna. Na realidade, a liberalização sexual,

ao invés de causar leveza e felicidade aos jovens, tornou-os infelizes e arredios e, por conseguinte, rudemente arrogantes e agressivos (Pasolini, 1975/1990a). Assim, "o anseio conformista de serem sexualmente livres transforma os jovens em míseros erotomaníacos neuróticos, eternamente insatisfeitos e, portanto, infelizes" (Pasolini, 1973/1990, p. 154).

Hoje, a busca pelo ideal de prazer corporal implica que o prazer das sensações físicas possua um valor na construção das subjetividades. Assim, a busca excessiva pela boa forma física, pelo gozo com drogas ou com sexo, e por manter-se belo e jovem, assume uma grande importância e pode ser compreendida como resposta do sujeito ao imperativo do gozo. No entanto, o que se observa, concordando com o psicanalista Jurandir Freire Costa (2004), é que o ideal de consumo e de prazer físico continua sendo um "ideal", ou seja, algo que se deseja, mas que dificilmente se alcança. Assim, de acordo com esta perspectiva, o problema não reside nos excessos produzidos por esta nova moral do prazer, mas nas contradições que ela produz, uma vez que se trata de uma promessa que não oferece o que promete - a satisfação libidinal plena -, o que gera frustração e infelicidade.

Kehl dá exemplos de como os corpos dos jovens podem responder de forma sintomática ao imperativo (enganador) da facilidade da entrega sexual e ao dever do gozo. Pode-se inferir que a obrigatoriedade atue como um inibidor para os rapazes em alguns casos de ejaculação precoce e impotência sexual, que podem estar acompanhadas do medo de falhar e da necessidade de provar a masculinidade. No caso das jovens, Kehl fala sobre situações em que elas não sentem prazer ou sentem dor durante o ato sexual, o que poderia ser entendido como estratégias sintomáticas de bloqueio do prazer. A vigilância excessiva em relação às performances sexuais, a preocupação com relação às imperfeições de um corpo que se apresenta ao outro como pura imagem e a necessidade de dar provas permanentes da capacidade de gozar podem ter o efeito inverso do esperado pelo jovem, justamente por tratar-se de uma liberdade sexual ilusória, que mascara uma obrigatoriedade (Kehl, 2008).

Kehl (2004) também formula uma hipótese na tentativa de explicar porque em muitos casos

a maternidade na adolescência pode ser vista pela menina a partir de uma perspectiva otimista e promissora. A partir de alguns atendimentos clínicos de adolescentes de classe média, a psicanalista pôde notar que a gravidez por vezes pode representar um alívio para a adolescente, a qual pode livrar-se do imperativo do gozo que pesa sobre ela. Desse modo, a possibilidade de tornar-se mãe e, assim, pelo menos temporariamente, “não precisar gozar o tempo todo”, pode ser confortável para a adolescente. Assim, a gravidez pode funcionar como uma forma de evitar a obrigação de ter que gozar mais, e também como atestado de que a adolescente já gozou sem preocupar-se com as consequências (Kehl, 2004).

Maria Rita Kehl cita exemplos de adolescentes de classe média, mas esta realidade também pode ser verificada entre jovens de camadas pobres. É o caso de Roberta, de 15 anos, participante de oficinas desenvolvidas em uma escola aberta por acadêmicos e mestrandos em Psicologia, no interior do Rio Grande do Sul (Brasil), das quais a autora do presente texto fez parte. Assim como os demais alunos da referida escola, Roberta² teve sua trajetória de vida marcada por muitas fragilidades, como uso de drogas e exposição à violência intra e extrafamiliar. Certo dia, Roberta afirmou durante uma das oficinas que estava grávida. Enquanto discorria sobre sua suposta gravidez, que ela disse ter sido planejada juntamente com o namorado, afirmou que estava “cansada de fazer festa” (Roberta, entrevista pessoal, 20 de agosto de 2012). Além disso, a situação da gravidez era vista como positiva por ela: “é bom, porque assim eu me acomodo” (Roberta, entrevista pessoal, 20 de agosto de 2012). Assim como os exemplos narrados por Kehl, a fala e a postura desta adolescente diante da gravidez pareciam expressar um alívio por não precisar, ao menos temporariamente, submeter-se ao imperativo do gozo e, assim, estar refém da obrigatoriedade de divertir-se ininterruptamente. Cabe destacar que esta é uma hipótese levantada por Kehl e inferida pela autora deste texto a partir da observação de alguns casos. No entanto, a questão da gravidez na adolescência é um fenômeno complexo, que pode ser analisada e problematizada a partir de inúmeros

enfoques, para além da hipótese da gravidez como possibilidade de “fuga” do imperativo do gozo.

A psicanalista destaca ainda que, hoje, o sentimento que muitos jovens possuem é de angústia diante da possibilidade de um gozo ilimitado e não de insatisfação de alguém que está aquém da liberdade e dos prazeres que desejaria desfrutar. Assim, ela acredita que a rebeldia do adolescente que se nota hoje estaria mais relacionada a um apelo para que os pais demonstrem alguma forma de autoridade e para que consigam restringir o gozo (Kehl, 2004).

Considerações finais

Salienta-se que o objetivo das reflexões aqui apresentadas, bem como das ideias de Kehl e Pasolini, não foi o de lançar um olhar moralista sobre a questão da busca do prazer, menos ainda condenar ou criminalizar certo modo de ser jovem, mas buscou-se apontar e analisar certos “estados das coisas”. Pasolini e Kehl apresentam em comum a tentativa, através de suas obras, de desnaturalizar determinados saberes e assumem uma posição de questionamento no que diz respeito às formas como a sociedade se produz e reproduz, problematizando questões importantes que dizem respeito principalmente aos jovens. Neste sentido, ambos mostraram-se relevantes nesta tentativa de apresentar determinados aspectos da cultura, principalmente no que concerne à relação entre jovens e consumo, de forma desnaturalizada e crítica.

São notáveis as semelhanças entre os escritos de Kehl e as ideias de Pasolini, o que possibilita que se façam algumas interlocuções teóricas interessantes. Ambos fazem uma forte crítica à cultura, cada um em momentos e contextos diferentes, com argumentos bem fundamentados. Eles abordam dois elementos associados à sociedade de consumo que tomaram o lugar da cultura repressiva. Pasolini fala na *falsa tolerância* e Kehl refere-se ao *imperativo do gozo, ou Lei do mais gozar* e ambos trazem argumentos e exemplos para mostrar como e o quanto esta realidade reverbera sobretudo na vida dos jovens.

Considerando-se o termo “jovens infelizes”, utilizado por Pasolini, talvez possamos pensar que, na sociedade brasileira atual, essa infelicidade se faz sentir tanto por aqueles jovens que podem (e sentem-se obrigados a) consu-

² No intuito de manter o anonimato da adolescente, seu nome foi substituído por um nome fictício.

mir o que é oferecido pelo mercado, mas que não alcançam pela via do consumo a satisfação almejada, quanto pelos jovens pobres que se encontram impossibilitados de acessar o que é oferecido e, assim, são ainda mais excluídos e colocados à margem da sociedade.

A partir do exposto, podemos afirmar que a tolerância em relação à sexualidade é falsa, primeiro, porque não se estende a todos, uma vez que as minorias sexuais ainda são vítimas da intolerância sexual e, segundo, porque essa tolerância não se constitui em liberdade, mas em obrigatoriedade, quando consideramos o imperativo do gozo que pesa sobre os sujeitos.

Destaca-se a importância de atentarmos para os contextos de onde emergem as questões e inquietações de Pasolini e Kehl. Eles falam a partir de realidades e momentos diferentes e falam sobre jovens diferentes. Pasolini escreve a partir de seu olhar sobre a Itália dos anos 60 e 70, quando o imperativo do consumo ainda estava em sua fase inicial. Kehl é uma escritora atual, vivenciando o auge da sociedade capitalista de consumo. Apesar de a obra pasoliniana datar das décadas de 60 e 70 do século XX, podemos perceber a atualidade de suas ideias e o quanto elas podem ser transpostas à realidade brasileira atual.

Referências

- Augusto, Maria Helena Oliva (2007). O presente e a juventude. In José Carlos Bruni, Luiz Menna Barreto & Nelson Marques (Orgs.), *Decifrando o tempo presente* (pp. 45-68). São Paulo: Editora UNESP.
- Costa, Jurandir Freire (2004). Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In Regina Novaes & Paulo Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 75-88). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Dayrell, Juarez (2005). Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. *Jóvenes, Revista de Estudios sobre Juventud*, 9(22), 1-20. Recuperado de <https://xa.yimg.com/kq/groups/19457852/1300431534/name/grupos+juventude.pdf>
- Dayrell, Juarez & Carrano, Paulo César R. (2002). Jóvenes de Brasil: dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente. *Revista de Estudios sobre Juventud*, 17(6), 160-203. Recuperado de http://prejal.lim.ilo.org/prejal/docs/bib/20071170033_4_2_0.pdf
- Debert, Guita Grin (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>
- Enne, Ana Lucia (2010). Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. *Comunicação, mídia e consumo*, 7(20), 13-35.
- Kehl, Maria Rita (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kehl, Maria Rita (2004). A juventude como sintoma da cultura. In Regina Novaes & Paulo Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 89-114). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Kehl, Maria Rita (2005). As duas décadas dos anos 70. In Antonio Risério (Org.), *Anos 70: trajetórias* (pp. 31-37). São Paulo: Iluminuras.
- Kehl, Maria Rita (2008). *A fratria órfã: conversas sobre a juventude*. São Paulo: Olho d'Água.
- Lahud, Michel (1990). Uma leitura corsária dos signos de uma triste realidade. In Michel Lahud (Org.), *Os jovens infelizes; antologia de ensaios corsários* (pp. 5-23) (Tradução Michel Lahud & Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Brasiliense.
- Lahud, Michel (1993). *A vida clara: linguagens e realidade segundo Pasolini*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nazario, Luiz (2007). *Todos os corpos de Pasolini*. São Paulo: Perspectiva.
- Pasolini, Pier Paolo (Diretor) [Cinema como cultura] (1964/2014). *Le mura di Sana (1964) - Pier Paolo Pasolini [legendas em português]*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WckQYVt-lxA>
- Pasolini, Pier Paolo (1973/1990). Thetis. In Michel Lahud (Org.), *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários* (pp. 147-154) (Tradução Michel Lahud & Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Brasiliense.
- Pasolini, Pier Paolo (1973/2006). O “discurso” dos cabelos. In Pier Paolo Pasolini (Org.), *Escritos corsários. Cartas Luteranas: uma antologia* (pp. 15-22). (Tradução José Colaço Barreiros). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pasolini, Pier Paolo (1974/2006). O genocídio. In Pier Paolo Pasolini (Org.), *Escritos corsários. Cartas Luteranas: uma antologia* (pp. 99-105) (Tradução José Colaço Barreiros). Lisboa: Assírio & Alvim.

- Pasolini, Pier Paolo (1975/1990a). Abjuração da trilogia de vida. In Michel Lahud (Org.), *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários* (pp. 199-204) (Tradução Michel Lahud & Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Brasiliense.
- Pasolini, Pier Paolo (1975/1990b). Gennariello: a linguagem pedagógica das coisas. In Michel Lahud (Org.), *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários* (pp. 125-136) (Tradução Michel Lahud & Maria Betânia Amoroso). São Paulo: Brasiliense.
- Pasolini, Pier Paolo (1975/2006a). Coração. In Pier Paolo Pasolini (Org.), *Escritos corsários. Cartas Luteranas: uma antologia* (pp. 88-94) (Tradução José Colaço Barreiros). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pasolini, Pier Paolo (1975/2006b). O coito, o aborto, a falsa tolerância do poder e o conformismo dos progressistas. In Pier Paolo Pasolini (Org.), *Escritos corsários. Cartas Luteranas: uma antologia* (pp. 70-77) (Tradução José Colaço Barreiros). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pasolini, Pier Paolo (1983). *As últimas palavras do herege: entrevistas com Jean Duflot*. (Tradução Luiz Nazario). São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, Marcelo Ricardo & Gurski, Rose (2014). A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 376-383.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200014>
- Raitz, Tânia Regina & Petters, Luciane Carmem Figueiredo (2008). Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 408-416.
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300011>
- Soares, Luiz Eduardo (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In Regina Novaes & Paulo Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 130-159). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Takeuti, Norma Missae (2012). Paradoxos sociais e juventude contemporânea. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 427-434.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300011>
- Zucchetti, Dinora Tereza & Bergamaschi, Maria Aparecida (2007). Construções sociais da infância e da juventude. *Cadernos de Educação*, 28, 213-234. Recuperado de <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1801/1681>



SABRINA DAL ONGARO SAVEGNAGO

Psicóloga, mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DIRECCIÓN DE CONTACTO

sabrinadsavegnago@gmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Dal Ongaro Savegnago, Sabrina (2017). Jovens, consumo e sexualidade: diálogos entre Maria Rita Kehl e Pier Paolo Pasolini. *Quaderns de Psicologia*, 19(2), 193-203.
<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1411>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 24/04/2017

Aceptado: 05/07/2017